

O que tenho a ver com isso? Aula-vivência sobre violência contra crianças e adolescentes

What do I have to do with that? Life-lesson on violence against children and adolescents

¿Qué tengo que ver yo con esto? Lección de vida sobre la violencia contra niños y adolescentes.

Paula Fernanda Brandão Batista dos Santos^I, Akemi Iwata Monteiro^{II}, Kelianny Pinheiro Bezerra^{III}

^I Enfermeira. Mestre em Enfermagem em Saúde Pública pela Universidade Federal da Paraíba. Professora Assistente do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: paulafernandabb@hotmail.com.

^{II} Enfermeira. Doutora em Enfermagem pela Escola de Enfermagem de Ribeirão Preto. Professora titular do Departamento de Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte. E-mail: akemiwata@hotmail.com.

^{III} Enfermeira. Mestranda em Enfermagem pela Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

RESUMO

A violência constitui hoje a principal causa de morte em crianças de 5 a 19 anos, o que tem imposto aos profissionais de saúde um olhar mais atento a estas questões, bem como uma formação que busque compreender este fenômeno sobre os vários prismas que a circunscreve. O objetivo deste artigo é relatar a experiência vivenciada com alunos do curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte numa aula-vivência sobre esta temática. A aula foi baseada numa prática pedagógica de ação reflexiva. Desenvolveu-se a partir da integração dos conteúdos teóricos e práticos, articulando-os com temas sociais, políticos e econômicos. A aula foi dividida em três momentos: um momento de sensibilização; um segundo momento onde foi apresentado e discutido o arcabouço teórico, científico e legal que envolve o tema; e um terceiro, que visou estimular uma reflexão sobre a realidade vivenciada nos serviços de saúde por profissionais que atuam diante de situações de violência. Nos três momentos da aula pudemos proporcionar ao aluno a inquietação e a reflexão necessárias para pensarmos sobre a violência em toda a sua complexidade, pluricausalidade e com toda a carga de preconceito em que esta se encontra envolvida.

Descritores: Violência; Adolescente; Saúde; Enfermagem.

ABSTRACT

Violence constituted is the most important cause of death among children 5-19 year of age. This phenomenon has called the health professionals attention attempted to violence issues in the health context and the inclusion, in the professional curriculum, of a comprehensive approach to the various determinants involved. The objective of this paper is to report an experience of the students of the Federal University of Rio Grande do Norte in a classroom activities. The activity was based on the pedagogical practice of reflexive action. The experience comprised the integration of the theoretical and practical contents, with the social, political and economic issues, seeking to stimulate the students critical-reflexive thinking. The class contents was conducted in three stages: development of student awareness of the problem; presentation and discussion of the theoretical, scientific and legal framework; discovery and discussion of the reality experienced by health professionals who act in violence situations in the service units. The three class moments enabled us to promote the concern and discussion needed for the student to think about violence, its complexity, multi-causality and the discrimination involved.

Descriptors: Violence; Adolescent; Health; Nursing.

RESUMEN

La violencia constituy la principal causa de muerte en niños de 5 a 19 años de edad, el que ha imposto a los profesionales de salud un mirar con más atención a las cuestiones de la violencia en la salud y que los currículos de formación incluyan una abordaje más comprensible acerca de los determinantes envueltos. El objetivo es reportar una experiencia vivida por estudiantes de enfermería del la Universidad Federal de Río Grande del Norte. La clase fue basada en una experiencia pedagógica de acción reflexiva. Fue desarrollado a partir de la integración de contenidos teóricos y prácticos, articulándolos con temas sociales, políticos, económicos. La clase fue dividida en tres etapas: reconocimiento del problema; presentación y discusión del marco teórico, científico y legal; y la estimulación para descubierta y discusión de la realidad vivida en los servicios de salud por profesionales que intervienen en situaciones de violencia. En las tres etapas de las clases proporcionamos al alumno la inquietud y la reflexión necesarias para pensar acerca de la violencia en su completa complejidad, multicausalidad y con toda la discriminación que ella trae apar.

Descriptores: Violencia; Adolescente; Salud; Enfermería.

INTRODUÇÃO

Uma aproximação...

Dadas as transformações políticas, econômicas, sociais e culturais pelas quais temos passado nos últimos séculos, percebemos que o mundo tem vivenciado uma séria crise dos valores éticos e morais. Nesse contexto, alguns valores vigentes em nossa sociedade têm sido questionados, delineando uma transição paradigmática no campo da ética. Neste cenário, novas demandas têm sido impostas aos profissionais de Saúde, dentre os quais se têm destacado as questões que envolvem a violência contra crianças e adolescentes⁽¹⁾.

Mesmo sendo um fenômeno histórico que tem acompanhado a humanidade desde os tempos mais antigos, só nos últimos anos é que a violência se consolidou como uma preocupação mundial. Isso se deu, sobretudo, a partir do desenvolvimento de uma consciência social em torno do tema de proteção à infância, e da crescente mobilização em torno dos direitos humanos nas últimas décadas⁽²⁾.

No Brasil, hoje, a violência e os acidentes constituem a segunda causa de óbitos no quadro da mortalidade geral brasileira. Nas crianças entre 1 e 9 anos esses fenômenos representam 25% da mortalidade, e nas crianças de 5 a 19 anos é a primeira causa dentre todas as mortes ocorridas nessas faixas etárias⁽³⁾. Conforme o Conselho Nacional dos Direitos da Criança e do Adolescente (CONANDA), anualmente 6,5 milhões de crianças sofrem algum tipo de violência doméstica no país⁽⁴⁾.

As consequências da violência contra crianças e adolescentes são as mais diversas, e ainda não podem ser delimitadas em sua totalidade. Independente da sua forma de apresentação, a violência acarreta consequências que vão refletir no desenvolvimento infantil a partir do comprometimento desses nas esferas física, social, comportamental, emocional e cognitiva⁽⁵⁾. Para os adolescentes, a visão sobre si mesmo, seus valores, sua competência e o mundo que o cerca podem ser afetados pelo grau de violência a que é submetido ao longo de sua vida⁽⁶⁾.

No contexto da criança e do adolescente, a violência que mais tem marcado essas fases é a violência intrafamiliar que é conceituada como "toda ação ou omissão que prejudique o bem-estar, a integridade física, psicológica ou a liberdade e o direito ao pleno desenvolvimento de outro membro da família. Essa pode ser cometida dentro ou fora de casa por algum membro da família, incluindo pessoas que passam a assumir a função parental, em relação de poder à outra, ainda que sem laços de consanguinidade"⁽³⁾.

Devido a sua complexidade e a carga de preconceito que a acompanha, a violência tem sido pouco evidenciada pelos profissionais de saúde, que

apresentam dificuldades em lidar com estas questões, principalmente quando estas remetem situações e problemas de ordem social e familiar. Neste sentido, essa temática tem merecido a atenção das políticas públicas no que se refere a sensibilizar e exigir dos profissionais de saúde, familiares e comunidade em geral uma atitude de enfrentamento deste problema. Assim, os profissionais de saúde precisam estar preparados para identificar e notificar os casos de violência e maus-tratos, e ainda comunicar e referenciar os casos suspeitos ou confirmados, proceder ao acolhimento, assistência, tratamento e encaminhamentos necessários, num trabalho interdisciplinar e intersetorial⁽⁷⁾.

Nesse sentido, inserir o tema da violência no programa da disciplina Enfermagem na Atenção à Saúde da Criança e do Adolescente representou um grande desafio, pois necessitávamos sair do lugar-comum, de tratar a violência como assunto meramente teórico e distante da nossa realidade, para buscarmos a sensibilização dos alunos juntamente com um aprofundamento científico.

Assim, o presente artigo tem por objetivo relatar a experiência vivenciada com alunos do sétimo período do curso de Graduação em Enfermagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, numa aula-vivência sobre violência contra crianças e adolescentes, que teve como tema: **O que tenho a ver com isso? Violência contra crianças e adolescentes.**

Traçando o caminho...

Para o desenvolvimento dessa aula, tomamos como ponto de partida a necessidade de buscarmos dimensionar o problema dentro de um contexto global da sociedade, fundamentando a importância e a necessidade de atuação dos profissionais de saúde, no âmbito local, conforme preconiza o Ministério da Saúde através das políticas de atenção à saúde da criança⁽⁷⁾. Portanto, partimos do seguinte questionamento: Como provocar discussões capazes de desenvolver o senso crítico e reflexivo do aluno no que se refere ao problema da violência?

Nesse sentido, optamos por trazer problemas relacionados ao enfrentamento da violência pelos profissionais de saúde, acreditando não estar dando receitas ou prescrições de como agir em casos de violência, mas buscando o caminho possível e quais as dificuldades vivenciadas pelos nossos profissionais a esse respeito. Pensamos que provocar essas inquietações é fundamental para desenvolver nos alunos a capacidade de enfrentar os imprevistos, o inesperado e a incerteza⁽⁸⁾.

Em consonância com as políticas de formação profissional na saúde, em especial da enfermagem, o Curso de graduação em enfermagem tem colocado como questão do dia a necessidade de pensarmos uma formação que busque desenvolver competências

humanas para o cuidado, competências do *saber, saber-fazer, saber ser e saber conviver*⁽⁹⁾. Desse modo, buscamos fundamentar o processo de aprendizagem na proposta pedagógica da ação reflexiva, a qual é amparada pelo Projeto Político Pedagógico (PPP) do Curso de Enfermagem⁽⁹⁾, que reconhece o estudante como partícipe de um processo educativo dinâmico, o professor como mediador e estimulador, cuja ação é refletida e transformada na própria ação, por intermédio da avaliação contínua.

O PPP propõe ainda a integração entre os conteúdos teóricos e práticos, articulando-os com temas sociais, políticos, psicológicos, antropológicos, éticos, entre outros, de forma a estimular e desenvolver um pensamento crítico-reflexivo nos alunos durante todo o processo de aprendizagem.

Nesse contexto, buscamos enfatizar o problema da violência como fenômeno que implica a necessidade de intervenção dos profissionais de saúde, e, nesse caso especial, de enfermagem, num processo de ensino-aprendizagem, pertinente e significativo, o suficiente para fazer face a este problema e atuar pró-ativamente, de forma propositiva, contribuindo para a promoção da saúde das crianças e adolescentes⁽⁹⁾.

A aula-vivência foi dividida em três momentos. No primeiro, traçamos como objetivo sensibilizar os alunos para o problema em discussão: a violência contra a criança e o adolescente. No segundo, apresentamos e discutimos com os alunos o arcabouço teórico, científico e legal que envolve o tema. E, no terceiro momento estimulamos os alunos para descobrirem e discutirem a realidade vivenciada por profissionais que atuavam diante de situações de violência contra criança e adolescente, nos serviços de Saúde.

A partir de cada momento da aula-vivência, tivemos os seguintes resultados:

Cidadania e Violência: onde nos encontramos?

Hoje, no cotidiano social das famílias, a violência tem sido assunto corriqueiro, pois está por todos os lados, nos telejornais, na rua onde moramos e até dentro da nossa própria casa. Quando tratamos de abordar tal assunto na área da saúde, precisamos enfatizar e sensibilizar os profissionais para ver além das marcas físicas, e "olhar para dentro das pessoas" a fim de poder assisti-las em toda a sua complexidade de forma integral, dentro de uma visão holística, posto que, "uma primeira dificuldade ao lidar com a violência, é o seu reconhecimento. Uma sociedade só esboça uma reação frente ao problema quando o identifica e quando conhece sua magnitude, sua dinâmica, o perfil das vítimas e dos agressores, e o que cada instituição e segmento da sociedade pode fazer. A sensibilização e o reconhecimento da

violência em suas mais distintas formas é o passo primordial da prevenção"⁽¹⁾.

Partindo dessas considerações compreendemos a importância de, num primeiro momento, buscar uma sensibilização para que os alunos pudessem perceber o problema da violência dentro de toda a sua complexidade. Para isso precisávamos deixar de tratá-la como algo banal, comum e natural do dia-a-dia. Necessitávamos tocar esses sujeitos através de imagens e sons, que tem uma importante ação de nos transportar para outros lugares e buscar no mais íntimo de cada um a sua humanidade.

A aula teve início então com uma apresentação de slides de fotografias de vítimas da violência, recortadas de jornais e da internet, que retratavam todas as formas de violência como: a sexual (muito presente no contexto da sociedade potiguar, através da exploração sexual de adolescentes), a física, a urbana, a psicológica, a institucional (principalmente àquela praticada pelos serviços de saúde), entre outras. A escolha das fotos deu-se de forma aleatória. Essas imagens foram agrupadas também de forma aleatória no programa Power Point, e apresentadas em sequência ao som da música da banda Legião Urbana que tinha como título "baader-meinhof blues", que fala da banalização da violência, vendo-a como algo do seu cotidiano e por isso mesmo normal.

Procuramos com isso, não sobrelevar aquilo que a mídia veicula sobre essa violência, mas estimular uma percepção sensível dos alunos, enquanto futuros profissionais de saúde, no olhar e enxergar as vítimas dessas tragédias.

Ao iniciar a apresentação das imagens, que tinha como título "O que tenho a ver com isso?", solicitamos aos alunos que pensassem na resposta, ao mesmo tempo em que refletiam sobre as imagens e a letra da música que tocava ao fundo. No final, pedimos para que eles expusessem suas respostas. Nesse momento, um silêncio angustiante foi percebido. Parecia um nó na garganta de toda a turma. O silêncio aos poucos foi quebrado e a reflexão feita pelos alunos nesse momento foi expressiva quanto à importância da temática para uma proposta de ação visando à promoção à saúde deste grupo.

O PPP do Curso de Graduação em Enfermagem da UFRN nos coloca que "é preciso compreender que o imenso âmbito dos sentimentos, emoções, intuição e subjetividades é um lado tão humano quanto a dimensão biológica, natural, prática, objetiva, histórica e concreta de nossas vidas. É um lado humano que não pode ser explicado do modo racional e objetivo, mas que precisa ser compreendido e a dificuldade de entendê-lo não deve significar a sua negação, afastamento ou esquecimento. Isto vai exigir uma nova dinâmica, superar o modelo binário de pensamento 'OU/OU', do

qual o Homem é prisioneiro – formatação mental que tem dificultado a percepção e o respeito à diversidade e à complexidade do mundo natural, e, conseqüentemente, abrigado imediatismos, narcisismos, isolacionismos, individualismos e insensibilidade social. (...) Urge, substituí-lo pelo pensamento complexo, multidimensional e integrado, que acolhe e faz aflorar a humanidade”(9). Foi com este direcionamento que buscamos sensibilizar os alunos para a compreensão de um fenômeno que é multidimensional, complexo e polissêmico, e que, por isso mesmo, exige destes profissionais uma conduta mais humana e ética.

O arcabouço teórico: o que é o fenômeno da violência?

Com a preocupação de traduzir as diversas situações e contextos da violência, dentro de um arcabouço teórico-conceitual e legal, lançamos mão de uma aula expositiva dialogada em que caracterizamos o cenário da violência contra a criança e o adolescente no Brasil e no mundo desde a antiguidade até os dias de hoje, enfocando as políticas internacionais e nacionais de proteção e prevenção da violência, bem como o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA). Enfocamos ainda o papel do profissional de Saúde na prevenção, proteção, recuperação e promoção da saúde das vítimas e de seus agressores.

Nesse momento, pudemos perceber que os alunos percebiam a notificação como uma forma de denúncia judicial, e sendo assim, tal ação trazia consigo todas as representações deste último, por exemplo, o medo de lesão corporal, de ameaças, entre outras, sofridas pelas pessoas que resolvem denunciar casos de violência, ou qualquer outro comportamento desviante e criminoso na sociedade.

Parecia que havia uma certa leveza naquela aula, um tanto quanto tenso e preocupante, no entanto, acredito que era resultado de uma profunda miopia dos alunos no que se refere a complexidade desse fenômeno nos espaços dos serviços de Saúde. Nesta direção, caminhávamos no sentido de construir um corpo de conhecimentos teóricos capazes de dar o suporte técnico-científico necessário a intervenção deste profissional. E nesse momento tornou-se fundamental a terceira etapa da aula.

O fenômeno da violência, sob a ótica dos profissionais de Saúde.

Quando tudo “parecia estar muito claro” para os alunos, posto que o problema e sua “suposta” solução já tinham sido apresentados, solicitamos que a turma se dividisse em grupos e fizesse uma leitura de artigos científicos publicados em periódicos (diferentes para cada grupo), que versavam sobre os entraves na notificação dos casos de violência pelos profissionais da Saúde.

Depois das leituras, houve um momento de debate e discussão dos textos. Nessa etapa, os alunos ficaram um pouco “sem chão”, pois uma atitude que parecia simples, como a notificação, era na verdade um difícil problema vivenciado pelos profissionais da saúde diante de casos de violência. Outros entraves também foram evidenciados, tais como: baixo grau de confiança no sistema de proteção à criança e adolescentes, conhecimento insuficiente para identificar casos de violência, ausência de normas técnicas para a notificação, insegurança quanto à proteção da integridade física do profissional, posto que não haja uma rede de suporte para esse fim, entre outros.

Diante do cenário estudado, percebemos uma participação maciça dos alunos, onde puderam trocar experiências, opiniões e tirar dúvidas. Esse foi o ponto mais rico de toda a aula. As vozes dos alunos demonstravam grande inquietação e vontade de fazer valer, de fazer, cada um, a sua parte, intervindo de algum modo para responder a esse fenômeno de forma positiva e pró-ativa.

Sentido a necessidade de ir um pouco além dessas reflexões, solicitamos aos alunos que realizassem uma reflexão sobre a aula, e escrevessem uma redação com o título: O que tenho a ver com isso? Numa leitura a partir da sua atuação enquanto profissional da Saúde nos casos de violência contra crianças e adolescentes.

No dia seguinte, as redações foram entregues e, na sua leitura, pudemos perceber alguns traços marcantes. Alguns alunos utilizaram o referencial teórico da aula, fazendo breves considerações sobre como poderia intervir nas situações. Outros demonstraram surpresa por terem descortinado tão “cruel realidade”. Já alguns relataram não saber ao certo o que vai acontecer quando se depararem com situações que envolva a violência contra a criança ou adolescente, mesmo tendo certeza de que olharão de forma diferente a partir da aula, pois se sentiram tocados.

A grande maioria respondeu a pergunta de uma forma bastante interessante, e concluiu fazendo da pergunta uma reflexão, que precisa ser exercitada diariamente no contexto dos serviços da Saúde.

Com este momento desejávamos despertar nos alunos uma visão crítica, a partir de um processo de reflexão individual e coletiva, sobre a realidade.

E afinal, o que eu tenho a ver com isso?

Dentro do paradigma de promoção à saúde, percebemos o quão imbricado está a nossa prática assistencial e o cuidado ao indivíduo e sua família. Por isso mesmo tem sido difícil lidar com situações que envolvem a violência, principalmente, a violência intrafamiliar.

Penetrar no mundo privado das famílias tem-se tornado um desafio constante para os profissionais

de saúde que buscam atuar numa perspectiva de promover ações de saúde da família, pois as implicações trazidas pela violência ainda gera inquietações.

Compreendemos que através dessa iniciativa conseguimos muito mais do que deixar certezas, pois instigamos os alunos a refletirem em relação ao fenômeno da violência. Nos três momentos da aula pudemos proporcionar a inquietação e a reflexão necessária para pensarmos sobre a violência em toda a sua complexidade, pluricausalidade e toda a carga de preconceito em que está envolvida. De uma coisa temos certeza, no espaço de algumas horas, iniciamos uma reflexão crítica, coletiva e individual, que possibilitou um novo olhar sobre esse fenômeno. Através de uma relação pedagógica participativa entre docentes e discentes, baseada numa aprendizagem significativa e problematizadora, oportunizamos reflexões e discussões sobre os problemas reais vivenciados, promovendo assim a articulação entre teoria e prática, tão fundamental para pensarmos o compromisso com um conhecimento científico pautado na ética, no respeito e valorização do ser humano e acima de tudo, comprometidos com a qualidade do cuidado de enfermagem⁽⁹⁾.

Após esse encontro em sala de aula, assumimos o compromisso de exercitar todo o aprendizado desse dia nas aulas teórico-práticas das disciplinas que envolvem ações em unidades básicas de saúde da família, creches, escolas e hospitais, numa perspectiva de promoção à saúde, com a atuação conjunta dos diversos profissionais da equipe, para intervir em casos suspeitos ou confirmados de violência na família, visando preveni-la.

Como eles atuaram, enquanto profissionais de enfermagem nos casos de violência contra crianças e adolescentes? Não podemos responder. No entanto, sabemos que possibilitamos uma vivência que permitiu modificar estruturas pré-conceituais sobre a violência, bem como um encontro com a ponta do *iceberg* da realidade complexa que é o lidar com a violência contra crianças e adolescentes no Brasil, no Nordeste, em Natal e no seu espaço familiar.

REFERÊNCIAS

1. Ferreira AL, Schramm FR. Implicações éticas da violência doméstica contra a criança para profissionais de saúde. Rev. de Saúde Pública. 2000;34(6):659-65.
2. Silva, MJ, Oliveira, TM, Joventino, ES, Moraes, GLA. A violência na vida cotidiana do idoso: um olhar de quem vivencia. Rev. Eletr. Enf. [Internet]. 2008 [cited 2008 mai 10];10(1):124-36. Available from: <http://www.fen.ufg.br/revista/v10/n1/v10n1a11.htm>
3. Secretaria de Assistência à Saúde, Ministério da Saúde. Notificação de maus-tratos contra crianças e adolescentes pelos profissionais de saúde: um passo a mais na cidadania em saúde. Brasília: Ministério da Saúde; 2002. 49 p.
4. Algeri S, Souza LM. Violência contra crianças e adolescentes: um desafio no cotidiano da enfermagem. Rev. Latino-am Enfermagem. 2006 [cited 2007 ago 14];14(4):625-31. Available from: http://www.scielo.br/pdf/rlae/v14n4/pt_v14n4a23.pdf.
5. Reichenheim ME, Hasselmann MH, Moraes CL. Consequências da violência familiar na saúde da criança e do adolescente: contribuições para a elaboração de proposta de ação. Ciênc. saúde coletiva. 1999;49(1):109-21.
6. Assis SG, Avanci JQ, Santos NC, Malaquias JV, Oliveira RVC. Violência e representação social na adolescência no Brasil. Rev Panam Salud Publica/ Pan Am J Public Health. 2004; 16(1):43-51.
7. Ministério da Saúde; Secretaria de Assistência Saúde; Departamento de Ações Programáticas Estratégicas. Agenda de Compromissos para a atenção integral à saúde da criança e redução da mortalidade infantil. Brasília: Ministério da Saúde, 2004.80fls.
8. Morin E. Os sete saberes necessários à educação do futuro. São Paulo/ Brasília: Cortez/UNESCO; 2004.
9. Departamento de Enfermagem, Universidade Federal do Rio Grande do Norte. Projeto Político Pedagógico do Curso de Enfermagem. Natal: UFRN, 2008. 75 p.

Artigo recebido em 11.09.08.

Aprovado para publicação em 09.06.09.

Artigo publicado em 31.12.09.